

REVISTA DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO
ANO 1\$40 ESTRANGEIRO
SEMESTRE 70 ANO 3\$00
NÚMERO AVULSO 6 CENTAVOS

ANO III

LISBOA, 20 DE JULHO DE 1918

N.º 50

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACITOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA "REVISTA DE TURISMO"

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegovaria) — TEL. 2337 C. — LISBOA

O PROBLEMA DA MENDICIDADE

A mendicância está tomando em Portugal proporções assustadoras; pois mercê do *deixa andar* da parte das autoridades hoje pede-se esmola em todo o Paiz, por uma forma sem precedentes.

Não é só já os mendigos com aleijões repelentes e os velhos que a mingua de forças para trabalhar estendem a mão á caridade publica, é muita gente que podia trabalhar, o que, na presente quadra não lhe era difficil.

Pelos portaes vemos sentados mulheres fortes, com creanças sujas ao colo, mendigando os dez reisinhos de quem passa, e como esse ganha pão é mais facil do que lavar roupa prefere-se, ao trabalho que faz calos; homens ainda com robustez physica bastante para muitos misteres, segredam-nos ao ouvido coisas comoventes e lá vão levando o vintenzinho; creanças de 10 anos e mais, e de ambos os sexos, vão encarreirando na estrada do vicio, começando por implorar esmola para o pae que está doente, e toda a gente se condoe da sua sorte não olhando que com a esmola que lhe dão, atiram com elas, mais dignas de melhor sorte, para a ociosidade e para o vicio.

Nas provincias, emquanto a lavoura reclama braços, vemos rapazes com idade já para se entregar á vida dos campos, assaltando os viajantes, certos que esse meio de vida é muito mais facil do que sarchar o milho.

Ha tempos em Gouveia, fomos assaltados, á porta do hotel da terra, por um bando de pobres, — estando presente o digno director da Repartição de Turismo, — e varias outras pessoas de Lisboa, — que levaram a sua exigencia, a agarrar-se-nos ao fato como um

credor pede o pagamento de uma conta a um mau freguez.

Tudo quanto a Repartição de Turismo e a Propaganda de Portugal, tem supplicado do governo para que reprima a mendicância, tem dado resultado nullo, pois cada vez vemos crescer com mais intensidade a rendosa industria da esmola.

E' certo que, se a crise que se atravessa trouxe uma vida difficil, ás pessoas abastadas, muito maior é aquella que atravessa a classe pobre, mas tambem é fora de duvida que havendo uma grande falta de braços, muita gente prefere o ripanço de pedir ao trabalho diario.

Mas as autoridades administrativas, mantendo assim em desleixo a repressão da mendicância, só para uma coisa ha a apelar, para a iniciativa particular, e n'esse sentido; temos sobre a mesa os estatutos da *Associação de Assistencia do Concelho de Espinho*, que se propõe: evitar a mendicância creando a assistencia humanitaria em todos os seus ramos, e obstar que pessoa alguma, valida viva de esmolas.

Quatro paragraphos ha nos estatutos d'essa philanthropica associação que não deixaremos de transcrever, visto o alto principio humanitario que eles encerram:

— Angariar trabalho ás pessoas validas do concelho que exclusiva ou principalmente do seu trabalho tenham de viver e que por si sós não o possam obter.

— Socorrer com o indispensavel para a sua alimentação, vestuario e abrigo

ás pessoas do concelho, que não tendo meio de subsistencia, o não poderem obter do seu trabalho, ou por não poderem trabalhar ou por não terem trabalho.

— Auxiliar por todos os meios que, pessoas condemnadas por algum crime, tiverem a pena suspensa, para que não pratiquem novo crime, afim de não terem de cumprir tal pena e de contrairem o habito de resestirem a toda a sugestão criminosa.

— Vigiar, amparar e proteger as creanças adolescentes da freguezia, abandonadas ou entregues á ociosidade ou a uma degradante imoralidade, esforçando-se por lhes fornecer, além do ensino geral elemental, a aprendizagem de um officio, internando-os para isso e se for possivel em alguma colonia agricola ou industrial, ou casa de correção, ou ao menos, pondo-as sob a tutela de quem as possa habilitar ao trabalho e aos bons exemplos.

Não se pense porém que esta Associação, é uma vaga colectividade, que se propõe com um enorme programa regenerar defeitos da sociedade, e que afinal a sua ação vae além de meia duzia de discursos. Não, é uma sociedade cuja existencia é já assinalada pelos largos beneficios, prestados ás classes pobres, pois faz actualmente a distribuição de 300 refeições diarias, assistencia medica e muitos outros beneficios de alto alcance moral.

E bom é lembrar que isto é custeado, além de meia duzia de benemeritos, pelo povo de Espinho, que se quotizou liberalmente para evitar, na sua linda e concorrida praia, o terrivel efeito da mendicância.

Este exemplo deve ser seguido por todas as praias e thermas, onde os interessados no seu desenvolvimento se devem unir n'um syndicato para acabar com o terrivel mal, que além de afugentar turistas, dá uma triste ideia do progresso da nossa terra.

O 2.º aniversário da "Revista de Turismo",

O segundo aniversário d'esta Revista representou, para nós, um acontecimento memorável. Além da brilhante colaboração que nos foi dispensada por individualidades distintas na causa do Turismo, outras e penhorantes manifestações de apreço nos foram tributadas, quer pessoalmente, quer por cartas e bilhetes. De todas as provincias do nosso belo Paiz recebemos palavras de aprovação e de incitamento á obra que vimos tra-

balhando ha dois anos seguidos. Quasi toda a imprensa portugueza se nos referiu, o que muito nos penhorou pelo seu valioso significado.

A todos, pois, a quem o segundo aniversário da «Revista de Turismo», serviu de motivo para nos felicitarem e, em especial, aos nossos distintos colaboradores e aos nossos illustres colegas aqui consignamos a expressão do nosso reconhecido agradecimento.

O PROBLEMA DO TURISMO EM PORTUGAL

(Conclusão do n.º 49, pag. 4)

CRITERIOS

SEUDO os elementos activos a fonte unica de todo o progresso social, é forçoso começar por assentar em seguras bases como se pode determinar o desenvolvimento, a multiplicação e a coordenação de todas essas forças em ordem a produzirem o máximo possível.

O progresso do turismo só pode ser obtido á custa de numerosos e importantes trabalhos que só se podem realizar por meio do emprego de muitas actividades dedicadas, de especialistas competentes e de valiosos capitais. E como qualquer d'estes agentes essenciais do progresso só exercem a sua acção em troca de ganhos que recebem pelo seu emprego, segue-se que o grande problema social do turismo é na sua essência um problema economico.

Tal é o aspecto sob que devem ser encarradas todas as questões a tratar, porque só ele pode englobar os interesses morais e materiais, não só dos elementos trabalhadores que tudo promovem e regulam, como do Estado e da Colectividade Nacional.

O rendimento monetário do turismo dará pois a medida da sua importancia e da efficacia das medidas adotadas para o promover.

As melhores industrias do turismo serão as que forem mais rendosas.

As que derem um producto liquido mais rapido e mais facil, são as que se devem promover em primeiro logar.

A actividade e a iniciativa particular é a fonte da riqueza pessoal, nacional, do Estado, porque é a base de todos os impostos. O trabalho dos particulares nada custam ao Estado, e quando são devidamente aproveitados podem tornar-se em novas fontes de receita para o tesouro publico.

E' pois a iniciativa e o esforço dos particulares que o governo deve promover e estimular, e utilizar em primeiro logar como base fundamental da boa economia na administração dos negocios publicos.

Pelo contrario, os trabalhos officiaes feitos por empregados vitalicios são morosos, caros e muitas vezes improficuos, porque, entre outras razões, ha o facto capital de aos nossos empregados publicos faltar, quasi em

absoluto, a noção economica, e é essa falta que traz a nossa burocracia divorciada dos elementos productores da nação.

Nos paizes mais adeantados do mundo a iniciativa e o trabalho particular são cultivados com o maior esmero e os organismos que se tem descoberto mais apropriados para esse fim e de mais fecundos resultados são os bancos industriais que funcionam como verdadeiros centros de federação industrial.

Foi n'estas bases que a comissão do Congresso Hoteleiro propoz a Federação do Turismo, destinada a atender a todas as necessidades individuais das diversas empresas dispersas pelo paiz e das que será necessario crear para o incremento da mesma industria; compreendendo creditos industriais, capital de montagem, estudos, pessoal competente nas diferentes especialidades, ensino profissional, resolução de questões, harmonia entre capital e trabalho, aquisição economica de artigos de toda a ordem, a melhoria da clientela e da venda de quaesquer productos, etc. sem encargos para o Estado e em condições de se poder tornar n'uma importante fonte de receita para o tesouro publico, o que seria de alto valor na profundissima crise geral que o paiz atravessa.

A mesma federação podera ser um poderosissimo auxilio dos serviços officiaes sintetisaveis nas seguintes bases:

- 1.º—Estimulo e auxilio á actividade util dos particulares.
- 2.º—Arbitragem na sua divergencia, repressão de toda a actividade nociva, disciplina ou coordenação dos esforços de todos em harmonia com os superiores interesses colectivos.
- 3.º—Estudo das localidades mais apropriadas para centros de turismo, das suas necessidades, do seu modo de ser e da sua classificação.
- 4.º—Regulamentação de sanidade publica, de estetica, de hygiene individual e de segurança.
- 5.º—Legislação sobre a creação de meios para fazer face a todas as despesas locais: (a) de obras publicas, de serviços publicos e de assistencia publica (b)—de manutenção da Repartição do Turismo pelo concurso de cada industria na proporção dos serviços recebidos da mesma, (c)—a manutenção e desenvolvimento da rede de estradas, de caminhos de ferro, de portos e carreiras de navegação até convenientes ao turismo.

7.º—Determinação e execução de medidas apropriadas a tornar o meio social favoravel ao turismo.

Estando já adquirida a noção da importancia enorme do problema do turismo não é tambem contestavel, por quantos presem o bem estar e o progresso do nosso paiz, a imperiosa necessidade de estudar seriamente este problema e de buscar a sua solução independente de todos os intuitos politicos e do espirito de facção.

Tal foi o intuito que dictou o estudo que precede e que agora fica exposto ao exame e discussão dos competentes que se interessam pelo assunto.

Estamos certos que a Revista do Turismo, que tão bem trata os assuntos da sua especialidade, tomará gostosamente parte na discussão e convidará todos os interessados para que se manifestem com o fim de melhor orientar os poderes publicos em harmonia com os seus preceitos da economia nacional e dos superiores interesses da nossa Patria.

J. BENTES CASTEL-BRANCO

CALDAS DE MONCHIQUE
18 de junho de 1918

Quedas d'Agua

A CABA de fundar-se em Lisboa, uma poderosa companhia com o capital de 5.000 contos para a exploração de quedas d'agua principalmente dos rios Zézere e Cávado, para força motriz, luz electrica, e viação.

A avaliar pelas pessoas interessadas no assumpto e pelo capital já subscrito, é de crer que a nova empresa tenha um exito absoluto.

Serra da Estrela

NESTE momento está sendo estudada pela Direcção das Obras Publicas da Guarda, a estrada do Observatorio, aos Barros Vermelhos pois partiram para ali dois conductores de obras publicas d'aquella cidade.

E' esta, pois, uma das maiores e mais justas aspirações da Sociedade de Propaganda da Serra da Estrela, pois sem ela não podem ser levados a efeito a serie de melhoramentos que ali deseja efectuar.

Estamos informados que o começo da explanção do terreno para a estrada não se fará esperar.

Estando-se a proceder á cobrança das assignaturas do 1.º semestre do corrente ano, rogamos aos nossos estimaveis assignantes a fineza de satisfazerem os respectivos recibos logo que lhes sejam apresentados.

UM GRANDIOSO PROJECTO

O APROVEITAMENTO DAS AGUAS DO TEJO

DE quando em vez surge no nosso meio uma ideia genial. Para admirar é, que todos os dias não se registem alvites, novas ideias porque a actividade da grande maioria dos cerebros portugueses é simplesmente incomparável. Nenhum outro povo se distinguirá tanto pelas ideias, como o nosso. O pior é que... elas ficam quasi sempre nos dominios da phantasia e do pensamento.

Trata-se, porém, agora, de realizar uma obra grandiosa, cuja iniciativa partiu de quem, pela situação que está disfrutando de legitimo direito e, ainda, pelas qualidades de trabalho e de empenhamento que o distinguem, pode muito bem fazê-la efectivar.

Esse alguém é o distinctissimo architecto Adães Bermudes uma notabilidade no seu «metier», que ocupa presentemente o cargo de vogal da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa, exercendo interinamente as funções de seu presidente.

Para melhor elucidarmos os nossos leitores sobre esse grandioso projecto, que visa ao aproveitamento das aguas da bacia do Tejo, a seguir transcrevemos o officio que S. Ex.^a dirigiu ao Governo, e em que é concretizado o seu pensamento.

«A Comissão Administrativa do Municipio de Lisboa incumbe-me a honra de submeter á alta apreciação e resolução do Governo da Republica Portuguesa, pela Secretaria de Estado ao mui digno cargo de V. Ex.^a, as seguintes deliberações votadas por unanimidade, em sessão de 16 do corrente.

A Comissão Administrativa, resolveu pedir ao Governo a concessão do aproveitamento das aguas da bacia hidrographica do Tejo e seus afluentes, a fim de, exclusivamente por si ou com o concurso das Camaras Municipaes comprehendidas n'esta região e que com ela queiram confederar-se, utilizar essas aguas na produção da energia electrica e no transporte, distribuição e venda d'essa energia para ser principalmente applicada aos serviços municipaes de interesse colectivo, taes como:

1.º A iluminação publica e particular da cidade de Lisboa e das outras cidades e centros de população das regiões que praticamente possam utilizar-se d'essa energia;

2.º Aos serviços de transportes de passageiros ou de cargas, sobre carris de ferro, nas mesmas regiões;

3.º A's indústrias fabris, comprehendendo a distribuição de força motriz aos domicilios para as pequenas indústrias;

4.º A's indústrias chimicas e especialmente ás que se destinem á produção dos adubos agricolas modernos e aperfeiçoados;

5.º A's indústrias metalurgicas, principalmente ás que se proponham utilizar os minérios nacionaes na fabricação dos aços superiores;

6.º Ao abastecimento, purificação e distribuição das aguas para consumo publico e ao transporte e distribuição das aguas do

rio e das aguas dos esgotos para irrigações agricolas.

São obvias e de largo alcance as vantagens que, não só para Lisboa como para todo o Paiz, advirão de tal iniciativa, que permitirá elevar esta bela capital á situação que na Europa deve ter pelas suas privilegiadas condições mesologicas, grangeando-lhe os recursos imprezíveis ao seu engrandecimento, e que constitue o unico meio de tornar possivel a sua transformação no grande centro da actividade industrial que lhe é imperiosamente imposta para aproveitamento das forças resultantes do seu intenso e irreductivel urbanismo, sob pena de que essas forças, reagindo contra a imprudência a que se vêem condemnadas, se vão convertendo, por um explicavel descontentamento, em forças destrutivas, como já se pôde verificar. E mesmo que taes razões não houvesse para que Lisboa se tornasse n'um importante centro industrial, bastaria atentar nas vantagens que resultariam de sermos, nós proprios, os transformadores d'uma parte, ao menos, das materias primas do nosso dominio colonial, para que essa industrialização se justificasse plenamente.

São igualmente intuitivas as vantagens d'este empenhamento para todo o Paiz, não sómente pela economia de muitos milhares de contos em ouro, que são anualmente drenados pelo estrangeiro devido á importação de carvão e de numerosos productos de primeira necessidade que passaríamos a dispensar, mas porque se multiplicariam as empresas em que o capital nacional se empregaria remuneradoramente, com duplo proveito para nós, em vez de ir colocar-se no estrangeiro favorecendo o trabalho, a riqueza e o progresso alheios.

Esta iniciativa, porém, não pôde ser efectuada se o Governo se recusar a facilitar-lhe o cumprimento das formalidades do artigo 1.º do Regulamento de 25 de Julho de 1911, no que diz respeito á apresentação do ante-projecto technico-economico que deve acompanhar os pedidos de concessões d'esta natureza;

Não seria difficil a esta Camara Municipal colocar-se ao abrigo da lei, fazendo elaborar o projecto bastante, na parte que exclusivamente lhe interessa; mas, entendeu que seria atração os mais altos interesses do Paiz deixar de atender as aspirações sabiamente formuladas pelas competencias que entre nós se tem occupado da questão, de que este assumpto do aproveitamento das aguas do Tejo para a produção de energia electrica deve ser resolvido conexamente com outros problemas do maior alcance economico, nos quaes se torna indispensavel a colaboração das estações officias, como é, de resto, a doutrina de varias disposições da lei.

A Camara Municipal de Lisboa tendo deliberado custear o estudo completo da questão, chamando os especialistas mais distinctos a colaborar com essas estações, n'esta obra de resurgimento da nação, dá ao Governo da Republica a melhor garantia de que este assumpto será orientado, desde o inicio até a sua realização, pela forma mais pratica e mais criteriosa que possa merecer uma confiança absoluta por parte do Estado e da opinião publica, que fará, certamente, d'esta causa uma questão nacional, logo que os detalhes d'este vasto empenhamento se tornem conhecidos

pela activa propaganda que vamos iniciar. Espera, pois, a Comissão Administrativa da minha actual presidencia que o Governo da Republica acolha e coadjuve a sua iniciativa:

1.º Reservando-lhe, pelo curto periodo que julgar indispensavel, para a elaboração dos estudos e projectos que serão diligentemente conduzidos, a concessão do aproveitamento das aguas da bacia hidrographica do Tejo e seus afluentes, para a produção e exploração da energia electrica.

2.º Concedendo, a seu favor, efeito suspensivo do disposto no artigo 1.º do citado Regulamento de 1911, a fim de lhe facultar a organização do ante-projecto exigido no mesmo artigo, que esta corporação deseja fazer elaborar pela forma indicada na sua deliberação;

3.º Sobreestando em quaesquer concessões particulares que possam prejudicar a realização d'este plano de interesse geral e publico, devendo ser consideradas como nulas e sem efeito todas aquellas que, embora estejam pedidas ou concedidas provisoriamente, não tenham tido effectivação pratica até a presente data, ressalvados os direitos que quaesquer interessados possam ter ás justas indemnizações por estudos ou trabalhos realizados.

A Camara Municipal de Lisboa confia do patriotismo do Governo o deferimento do seu pedido, que visa a preparar a independencia economica da nação, sem a qual a paz futura nos trará horas bem mais incomportaveis do que as da presente situação de guerra, porque a reconstituição economica das nações mais dependerá dos esforços e recursos de cada uma, que da solidariedade moral que momentaneamente as ligou na defesa d'um ideal comum de liberdade e de justiça.

Para completo esclarecimento de tão vasto projecto, acrescentamos que ele não se limita ás já consideraveis condições em que pretende effectivar-se, mas vae ainda ampliar-se a outras bases que lhe servem de complemento:

Estas são as seguintes:

a) A navegabilidade do Tejo até a fronteira para que o porto de Lisboa possa ser melhor utilizado no trafego peninsular.

b) A regularização do regime das aguas do Tejo e seus afluentes;

c) O aproveitamento da elevação do nivel dos respectivos caudales para a irrigação dos vales por eles atravessados, de modo a permitir a obtenção de duas colheitas anuaes e a criação de prados para o desenvolvimento pecuario;

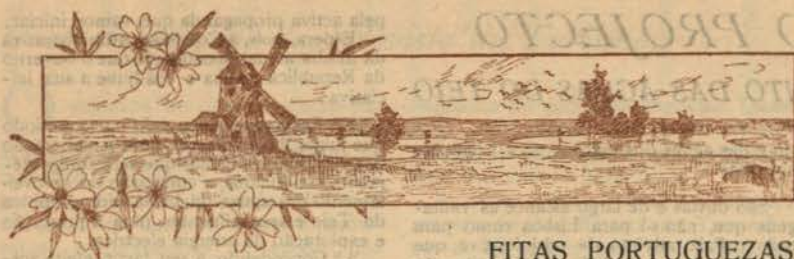
d) O estabelecimento de grandes bacias de piscicultura.

E' do maior alcance economico esse vastissimo projecto, e para o levar a efeito pensa a Camara abrir um emprestimo.

Pelo que respeita ao Turismo, os seus resultados hão de reflectir-se, certamente, por forma bem proveitosa, e desnecessario é encarecer a sua grandissima utilidade sob o ponto de vista da causa que acendradamente defendemos.

Oxalá a sua realização se efective, e nenhum entrave dos muitos que apparecem a encravar as boas iniciativas no nosso Paiz, venha a opor-se-lhe.

São esses os nossos melhores votos.



FITAS PORTUGUEZAS

OS JARDINS DA CASA PALME

O Bussaco não nos demorou, a chuva impertinente que caíu sem cessar no dia em que lá estivemos não nos deixou tirar mais que o soberbo Hotel, uns quadros do arvoredo exótico e uns fêtos na lenta humidade dos arroios da Mata.

Seguimos ao Vale do Vouga, depois de um dia passado em Aveiro, sem que a Veneza Portuguesa pudesse oferecer outro aspecto que não fosse um aguaceiro diluviano, que nos produziu um aborrecimento extremo.

Até S. Pedro do Sul, as mesmas nuvens ameaçadoras e a mesma atmosfera de tedio.

Pousamos no palácio Palme, onde fomos recebidos pelo sr. Antonio Cardoso Moniz, hoje o representante d'aquela nobre família beirã.

O palácio tem interiormente o ar fidalgo do século dezoito. Com meia dúzia de sécias e de peraltas de calção e casaca de seda; podia ali representar-se a obra prima de Marcelino Mesquita,

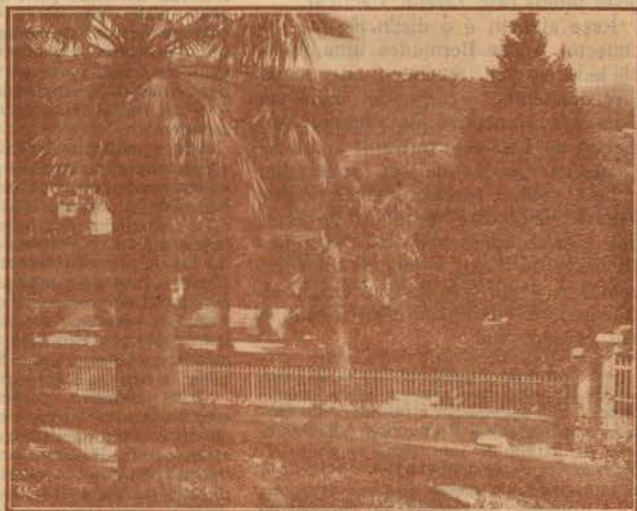
O quarto destinado ao operador era uma habitação vasta e complicada, n'ele se encerrava tudo, desde os moveis que competem a uma habitação fidalga, até a mobília séria d'uma sala de visitas.

O meu quarto, esse tinha a gravidade d'uma cela. Ao centro um leito de pau santo, com almofada de seda no espaldar da cabeceira, moveis também fradescos e a contrastar aquela severidade resplandeciam do tecto, quatro figuras graciosas de mulher com um riso aberto, parecendo

tados em bancos, que mais pareciam pedras musgosas e envelhecidas d'uma cerca de convento, que simples ramos que ha quasi dois seculos veem sendo aparados á tesoiira.

Segundo o tombo da casa, foram plantados em 1735 e hoje a sua rijeza é tal, que uma pessoa pôde sentar-se sobre eles com n'um duro banco de pedra! E o operador, duvidando da sua força, apalpou a medo, ali de baixo estava de certo, escondida uma pedra, ou pelo menos uma taboa; mas não, os ramos não cediam, podia calcar; sentou-se, e depois de certificado que eles podiam com o seu pesado corpo, balançou-se, como em almofadas elasticas de boas molas.

Preparou-se o film, e duas pessoas meteram primeiro as mãos por entre os ramos, como que a procurar uma



Um aspecto dos jardins Palme

sahir-lhe da boca uns *bons dias* cheios de graça e de felicidade.

Os jardins, com os seus buxos seculares, tinham-nos interessado em extremo e queríamos fazel-os correr mundo através das películas do cinematographo.

O sol por vezes, espreitava entre pesadas nuvens negras e ameaçadoras, inundando de

luz todo o vale de Lafões, que sobre os pingos de chuva pendentes das ramarias tinha um aspecto carrancudo de tempestade.

Os buxos, formam uma vasta parede recor-

coisa que cahira, depois sentaram-se despreocupadas sobre eles como no mais fofo sofá.

Tendo o operador ao terminar o trabalho, gabado tanto aquela maravilha, que jurou ter já mais visto igual.

Seguiu-se um novo quadro ás paredes de camelias. Paredes, porque ali não se cultivava a camélia, n'uma arvore redonda, mas aninhavam-se uma porção n'uma sébe, apara-se-lhe os ramos, e deixa-se crescer para cima. E tão altas já estão que um homem sobre os hombros d'outro não lhe chega aos ultimos galhos.

A vasta parede, estava tão florida que as folhas quasi desapareciam sob as camelias, umas brancas como um noivado, outras rubras como risos de criança.

Sobre as mais altas ramadas do jardim empinam-se altas palmeiras, que



Bancos de buxo, plantados em 1735

n'aquela clima frio da Beira padecem a nostalgia do sol africano, n'uma tiragem de seis meses de inverno, até que os primeiros calores de maio, as faz sorrir ao sol que doira o vale, numa alegria de agradecimento.

Os jardins da casa Palme, no sopé da encosta do vale de Lafões, abrigados dos ventos do norte, dilatam-se para o Vouga, que em baixo corre manso, entre os salgueiros onde as

As Caldas do Gerez e o seu rio

(Conclusão do n.º 49, pag. 5)

Os grandes projectos de hotéis-palácios para serem construídos na meia-encosta, servidos por novas estradas ou por elevadores funiculares, e os planos de grandiosas edificações destinadas a casinos e banhos — são a miragem que infelizmente já não me comove e que eu bem conheço de outras estâncias belas de Portugal. Tenho visto o que dão entre nós estes grandes empreendimentos... sobre o papel. Para não citar mais que um único exemplo, lembro a famigerada Cintra, cantada por todos, desde Gil Vicente até Byron, de renome absolutamente mundial, e que ainda hoje não conta um só hotel de primeira classe!

Diligenciando sempre dedicar-me, de preferência, a realizações práticas nos meus trabalhos profissionais, o que me interessa por enquanto mais que tudo é a transformação imediata das condições estéticas e de acomodamento nas Caldas do Gerez — transformação em que se aproveite o mais possível do existente e sem que se tenha de esperar

grande vantagem de obrigar os edifícios a ostentarem para aquele lado novas fachadas, arranjadas segundo projectos artísticos inspirados nas construções regionaes e dando lugar à construção de novas salas, e galerias, alpendres ou terraços, entre as fachadas e o rio — relevado então da sua função de colector das cozinhas e restituído ao seu encanto sem artifício e ao seu pitoresco sem sujidade.

Facilmente se transformariam as actuaes salas dos hotéis em multiplos quartos; e quanto ás suas presentes fachadas, dariam-lhes umas trazeiras muito decentes.

Isto representaria o que de um modo pitoresco se pode chamar «virar o Gerez do avesso», processo muitas vezes aplicado com exito em obras malogradas.

Mas os edificios com as suas novas fachadas, guarnecidas de varandas e alpendres no genero regional, ficariam porventura respondendo a todas as exigencias de estabelecimentos modernos modelares? Não bastam certamente estes atavios exteriores para uma reforma como seria para desejar, mas teriamos pelo menos um bom principio visível, patenteando uma orientação, com o que muito lucraria toda a estância.

Objecta-se — já o sei — que não é possível conservar asseado o rio enquanto passar na proximidade das edificações; mas isto é o peor que se pode dizer da administração disciplinar de umas thermas! Se isto não revela um pessimismo proprio de quem vai ao Gerez para se tratar do fígado e se é na realidade uma sabia sentença, então mais vale nada fazer, nada esperar e entre-



Palacio Moniz (Palme)

raizes e os ramos sorvem a frescura das suas aguas.

A agua corre cantando em repuchos e em bicas mormurantes; n'uma das fontes encroscas-se uma serpente, deixando cahir pela boca uma agua deliciosa que até consola quem não tem sede.

Outra bica despeja agua a jorros n'um largo tanque, onde barbos, gordos e pachorrentos, em ondulações lentas e compassadas passeiam á tarde quando o sol aperta.

Se um film tivéssemos a fazer da Caridade, teriamos ali nos pateos d'aquella velho palacio, d'onde ninguem sahia sem esmola, assumpto bem demonstrado, reproduzindo, os habitos classicos d'aquella familia, desde á velha baroneza de Palme, de renome, em toda a Beira, onde a sua fama esmolera arrancava á noite orações aos desprotegidos da sorte, até ao fidalgo de hoje que continua por instincto a mesma tradição.

E se outro film se quizesse fazer dos servos d'aquella casa, não seria menos interessante, porque eles sabem sempre a porta por onde entram, mas nunca por onde sahem, lá crescem, lá vivem, lá envelhecem e... lá morrem.

GUERRA MAIO



Gerez e o seu rio

primeiro por algum terremoto milagroso e subsequente chuva de capitães trazida por qualquer aragem civilizadora.

Podem os actuaes edificios mais importantes ser transformados de um modo compensador para os proprios fins a que já se destinam e com vantagem para o aspecto geral da instancia? Afigura-se-me que sim.

A idéa lançada para a construção de uma nova estrada que viesse a correr ao longo do rio pela sua margem direita, devia não só destinar-se a desviar para ali o principal transito, como, sobre tudo, viria ella a ter a

gar ao Fados o futuro das Caldas.

Realizada esta transformação sugerida, nada impediria que se continuassem a conceber os grandes projectos a que acima alludi e que se fosse alimentando essa plethora das phantasias mais ou menos fecundas. Seria em todo caso meio caminho andado e tempo que se ganhava enquanto se não realizassem outros projectos mais grandiosos.

Bem avisada procedeu já a Sociedade de

Propaganda de Portugal no intuito de favorecer o descongestionamento das thermas — onde os aqistas se entreteem num sedentarismo de soalheiro á frente dos hotéis, olhando-se uns aos outros na consumição de longas horas — e perpetuando ao mesmo tempo, a memoria do glorioso critico Ramalho Ortigão, que quando aqui estava, usava fugir frequentemente para um lindo poiso d'onde se disfruta uma vista esplendida sobre o grande vale do Cávado. Existem n'este sitio umas toscas pedras que se ficaram sempre chamando «Bancos do Ramalho» e as quais agora a benemerita Propaganda de Portugal vae transformar n'uma bancada architectonica digna d'aquello lugar, notavel pelas suas belezas naturaes e consagrado já pelo nome illustre de quem tanto se comprazia em ali permanecer.

Refiro-me aqui só á disposição geral das construções; mas o penhor de uma melhoria efectiva das thermas está tambem n'uma boa organização dos diferentes estabelecimentos. Neste ponto haveria muito que dizer, mas é assumpto em que não me compete entrar. Não posso porem deixar de expressar a minha convicção de que qualquer reforma sob os pontos de vista da disciplina do pessoal, da hygiene das instalações e das comodidades dos hospedes, provocaria immediatamente sintomas animadores e promotores de mais largo desenvolvimento.

Tenho notado que se liga uma importancia quasi supersticiosa a certas cousas tidas pelos emprezarios como *feitiços* de civilização, nos quais se fiam, sem de resto se preocuparem com a indole verdadeira da sua missão. O pé-direito de uma sala, a impecavel rectidão de um arruamento, o boné agalado de um corretor, são ás vezes *feitiços* d'essa ordem, e já tenho encontrado estas belas cousas harmoniosamente ligadas a detestaveis refeições, a faltas de asseio e a logros descaroados.

Lembro-me de certo hotel — n'uma capital de distrito — em cujos reclamos se fazia sempre menção especial da sua iluminação eléctrica como simbolo de modernismo no estabelecimento; isto não impedia que faltassem campanhas de qualquer especie nos quartos dos hospedes, e quanto a asseio... basta dizer-se que a sala de jantar era varrida pela manhã, estando já a mesa posta para o almoço e andando o creado de roda d'ela borriando desesperadamente bochechos de agua para o ar!

Consola-me sobremaneira, n'este caso especial do Gerez, que os actuaes emprezarios de tão esclarecida orientação, se acham animados das melhores intenções e que cheios de actividade, hão de querer introduzir dia a dia pequenos melhoramentos, tirando o máximo partido das circumstancias dificeis que já encontraram estabelecidas. Mas espero que, na árdua tarefa de satisfazer os hospedes das Caldas, eles se compenentrem da ingrata mas honrosa missão que lhes pertence, de educar um publico em grande parte rebelde a todos os progressos que envolvam despeza, por outro lado muitas vezes exigente sem razão ou — o que é peor ainda — sem a educação indispensavel em gente que viaja.

RAUL LINO,

Na nossa administração, Largo Bordado Pinheiro, 28, se encontram a disposição dos srs. assignantes capas artisticas para encadernar o 1.º e 2.º annos da *Revista de Turismo*, que vendemos ao preço de 1\$20, cada uma, sendo o pagamento adiantado.

Cartas a Gaby

Do nosso muito querido amigo e prestimoso colaborador sr. Mario de Montalvão, recebemos a carta que a seguir gostosamente transcrevemos, na qual, felicitando-nos pelo nosso segundo aniversario, explica os motivos que originaram a suspensão das suas primorosas *Cartas a Gaby*:

«QUERIDOS AMIGOS»

«Com esta vão as minhas maiores felicitações pelo vosso aniversario. Vão igualmente, os meus votos mais fervorosos para que continue e progreda essa gigantesca obra a que vos abalançastes com uma dedicação, uma energia e uma tenacidade que só os dois annos consecutivos da publicação da *Revista de Turismo* é testemunho.

Que sublime cruzada a vossa, e como eu a admiro!

Não esmoreceis, pois, n'essa sagrada obra, n'essa gloriosa senda em prol d'uma Patria que se honra de vos contar entre os seus mais illustres e dignos filhos. E, sem duvida, que o exemplo do vosso modelar esforço será seguido e secundado pelos que já hoje confiam no bom exito da missão que vos impuzesteis.

Assim pudera eu auxiliar-vos — e não me falta vontade para isso; mas tantas são as arrelias da vida, que o tempo esvae-se como vaporosa nuvem; sem mesmo nos conceder o espaço necessario para pensarmos nas nossas calamidades.

Foi uma d'ellas que me obrigou a suspender a publicação das *Cartas a Gaby* que tão bom acolhimento lhes mereceram.

Eu explico: Durante uma ausencia a que me vi forçado, *mobilsaram-me* diferentes coisas, e entre elas uma pasta onde, com religioso cuidado, guardava os originaes d'essas cartas. Teem sido infructiferas todas as minhas pesquisas para a reaver, e não sei se conseguirei voltar a ser o seu proprietario. Todavia *preveni a policia* e tomei as minhas precauções por causa dos *vigaristas*. Por isso não sei quando poderei dar-lhes a continuação d'essas cartas, pois que me será preciso reatar o fio, agora partido, d'um pensamento longiquo. Essa dificuldade provem, tambem, de que esse fio enrolou-se tanto... que talvez seja difficil desenrola-lo.

Emfim é possivel que com um pouco de paciencia eu possa pôr a *linha a direito*, para coser as recordações que o passado guardou na minha memoria. Se assim succeder, contem com o seguimento d'esse ro-

mance, destinado a... fazer-me transpor os humbraes da posteridade.

Porém, até lá, aceitem o mais querido abraço do vosso

MARIO DE MONTALVÃO

Agradecendo ao nosso muito sympathico amigo e brilhante colaborador as sinceras felicitações que nos dirige, aguardamos com verdadeira ansiedade que se efective a sua promessa.

Bancos do Ramalho

No nosso paiz é tudo assim, apparece uma pessoa, uma colectividade, com uma ideia util e pratica, acodem logo a condenal-o e a mete-lo a ridiculo meia duzia de pessoas, que nada criam e de que nada são capazes.

Um illustre artista, entendeu lembrar á Sociedade de Propaganda de Portugal, fazer construir no Gerez n'um local extremamente pitoresco, e com um admiravel ponto de vista, um pequeno recinto com bancos de pedra para os aqistas d'aquella estancia irem recrear-se e alongar as vistas pelo vasto panorama que ali se disfructa, e onde Ramalho Ortigão ia passar o fim da tarde, num grande deleite de contemplações bucolicas.

Pois esse mesmo artista lembrou tambem que seria um preito de homenagem ao saudoso escriptor, pôr aquelle recinto, *Bancos do Ramalho*. Foi o bastante para logo apparecer n'um jornal uma d'essas criticas acerbas, achando ridiculo dar a uns pobres bancos, o nome do grande espirito que foi Ramalho Ortigão.

O auctor d'essas linhas, comprehendendo-se bem, só justifica a homenagem pela cabeça do escriptor em bronze na praça publica, ou na placa d'uma rua, com um outro nome mal coberto por baixo.

Mas o que estamos certos, é que os admiradores e não admiradores, do grande artista reterão mais depressa na memoria, esses bancos, onde irão descansar, com um largo horizonte de vista, que essas placas de ruas onde por dezenas e dezenas de annos figurou um nome historico e consagrado, que não se esquece facilmente.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

BIBLIOGRAPHIA

ARTE E LITERATURA

"Sem Norte,"

VERSOS DE CRUZ MAGALHÃES

É um livro de um poeta moderno onde impera a sentimentalidade das coisas da nossa terra. *Sem Norte* encerra um sem numero de poesias, cheias de brilho e de colorido. Por esses sonetos perpassa, ás vezes, um tédio impregnado de amargura, mas uma amargura que consola, como o próprio auctor o diz nos seus versos.

Cruz Magalhães, é quasi um vencido, é um idealista resignado a uma fé desfeita. O livro abre com uma carta de João de Deus, ao auctor, que ele encina com o retrato do poeta desaparecido.

Destacamos esses dois sonetos que bem demonstram o espirito idealista e resignado que é Cruz Magalhães:

Em S. Pedro de Muel

(Recordação)

Baixava a noite e tudo que se via,
Mar, céu, o próprio ar, se arvoára !
Tonalidade encantadora e rara,
Propicia á máis estranha poesia !

O lerno Bem da minha vida amara,
Que se finou, e que por mim vivia.
Disse-me, vendo o sol, que se extinguia :
— Porque não ha luz sempre, e sempre clara ?

Porque me sinto entristecer agora ? ...
Devia haver no céu constante aurora,
Que é luz de amor, de esperança e de beleza ! —

— Ha sedução também no sofrimento,
E nunca ponhas tu no pensamento
A doçura que existe na tristeza ! —

DUVIDA

A morte será sempre um beneficio
Para quem não tiver esperança alguma.
Conformação não pôde haver nenhuma,
Que tudo se antolha um sacrificio.

Não se entende que a vida se consuma,
Sem que haja alguma fé, um só indicio,
De acabar o martírio, e vêr o início
Duma aurora a surgir de escura bruma.

Quer exista quer na vida futura,
Findar um grande mal é sempre um bem.
Ninguém conscientemente se tortura.

Se tudo acaba, a Dôr morre também ...
Pois poderá haver toda amargura
Nas ignotas paragens do Além ? !

O producto bruto da venda d'este livro é destinado pelo auctor á *Sopa para os pobres do Seculo*.

Um poeta e um benemerito.

G. M.

ASTUCIAS

DE MARIA DE CARVALHO

*Se a palavra disfarça o pensamento,
Já nos lábios não ha sinceridade,
E só os olhos falam a verdade,
Definindo e mostrando o sentimento.*

*Os olhos indiscretos, n'um momento,
Desmentem as astucias da vaidade
Com que se esconde o amor,—e as da maldade,
Em que os odios procuram alimento.*

*Pupila que se afasta fugidia,
Que nos não fita, algum segredo tem ...
De si propria receia e desconfia.*

*E é natural julgarmos, quando alguém
O seu olhar do nosso olhar desvia,
Que nos quer muito mal,—ou muito bem.*

FLOR DO ACASO

DE ARMANDO FERREIRA

*Quando tu passas, morena,
Na minha rua, á tardinha,
A saia curta, pequena
Arregaçada um nadinha;
Eu fico sempre pensando
Que pesar occulto existe
Nesse teu olhar tão brando,
Nesse teu sorriso triste.*

*Quando passas á tardinha
De olhos fitos no chão,
Meu pensamento advinha
O fogo vil da paixão,
Que germinando em teu peito,
Na sua vertigem louca,
Te reteve já no leito,
E desmaiou tua boca.*

*Mantilha negra, singela,
Outra não passa na rua;
E na candidez tão bela
Do teu seio que flutua,
Eu não sei o que palpita:
Se a chama de algum desejo,
Se a tua alma contrita,
Ou se os vestígios de um beijo.*

*A palidez de teu rosto,
Os olhos negros pizados,
Tem a expressão do desgosto
De mil disvelos, cuidados;
Ai ! ... se falassem teus dedos,
De tão fininhos que são,
Eles diriam segredos
Talvez d'um lar sem ter pão.*

*Quantas noites, altas horas,
A luz escassa que morre,
Sózinha tu te demoras
A vêr a linha que corre :
Pende-te o rosto cansado,
Mas lá vaes continuando,
Ao ouvires n'alcova ao lado
Trez irmãositos chorando.*

*Como um lírio virginal,
Branco, risonho jocundo,
Vive exposto ao vendaval,
Assim tu vives no mundo
Um dia o vento soprando
Vergará o tronco puro,
E o lírio branco tombando,
Irá roçar o monturo !*

*Todos te olham e fitam
As formas que se alvejam;
Quantas coisas premeditam .
Lobos que ovelha fargjam !*

*E, uma lagrima serena,
Pelas minhas faces caminha,
Quando tu passas morena,
Na minha rua a tardinha.*

A POVOA DE VARZIM

E OS SEUS PROGRESSOS

VOLTAMOS hoje a falar da ridente praia.

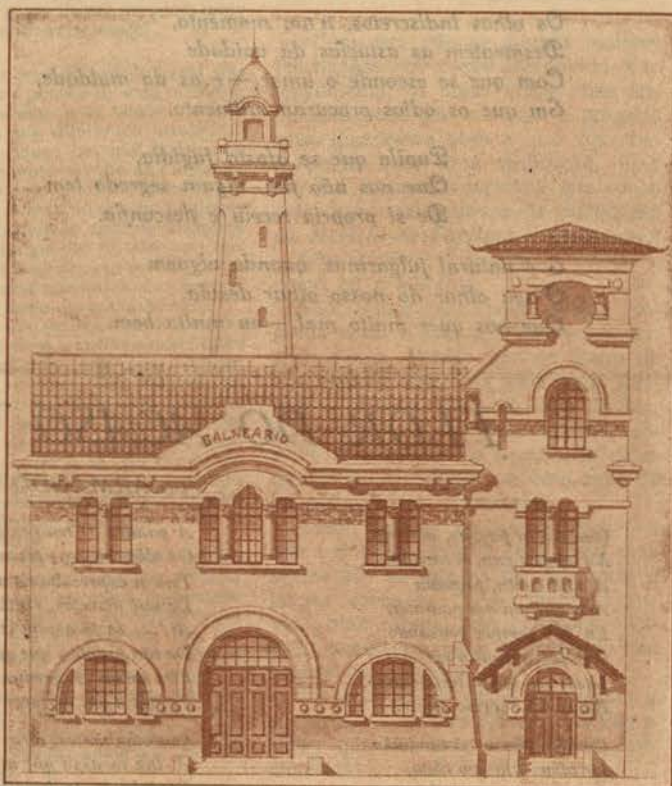
A Povoia de Varzim não só se quer tornar notável pelos seus melhoramentos, pelos seus progressos. Também o quer ser pelo seu asseio! E, com muita razão, não quer que a ponham a par de grande numero das nossas praias, que primam pelo desleixo, e, digâmos a verdade, até pela grande imundície.

Muitas das nossas praias teem, pouca, pouco, sido abandonadas pelos banhistas que de longas terras as procuram, ignorando os seus habitantes, na sua ciosa ignorância, que o motivo é... por serem desleixados e... até porcos, os seus habitantes. E esta é que é a verdade! Deixamo-nos de embamges, de eufemismos!

Praias ha, em que durante dezenas de anos os banhistas as teem procurado, por serem mais perto, por terem transpostes mais commodos? Seja, pelo que fôr, o que é certo é que tem sido procuradas. E que confortos e bem estar têm proporcionado áquelles que lhes vão dar vida, que com o seu dinheiro, lhes vão dar animação, recursos, quiçá, para todo o ano? Deixaram as vielas cheias de monturos, as praias cheias de detritos de peixe a apodrecerem ao sol ar-

dente, sem uma distração, sem o mais pequeno fatôr a amonisar a aborrecida existência e monotonia do geral das nossas praias!

E' por isso que pouco a pouco vão sendo abandonadas pelo seus antigos banhistas, visto haverem povoações mais previdentes



que se vão transformando, praias que, sem o grande luxo de San Sebastian, Biarritz ou Ostende, têm contudo, já bastantes atractivos, não o sendo menor, o seu inextinguível azeite.

Como iamoz dizendo, a Povoia, que de ano para ano, vae progredindo, vae ter um novo, mais vasto e mais completo Balneario, para substituir um outro já existente e que não oferece tão boas condições. E'

construido no local do existente, fazendo parte da projectada Avenida dos Banhos.

A fachada é de aspecto agradável, enriquecida pela applicação de pequenas columnas nos pinasios certos das janelas duplas e do vão triplo do centro. Assim dá-nos, com sobriedade de decoração e sem complicações, um agradável effeito, onde se denota o cuidado do distincto architecto, sr. Moura Coutinho, de Braga, que é o auctor do projeto, na proporcionalidade e balanços de fachas, cimalthas e relêvos, que são muito bem tratados.

O Balneario compõe-se de um vestibulo, hall, tendo a cada lado salas de espera, com gabinetes de leitura; tem trinta quartos para banhos de imersão em tinas de ferro esmaltadas, douches para homens e senhoras, rouparia, arrecadação, casa das máquinas, etc.

O segundo pavimento é para habitação, tendo sala, saleta, sala de jantar, cosinha, quartos de dormir, de banho, W. C., guarda roupa, etc.

Eis o que se nos oferece dizer sobre mais este melhoramento, bastante importante, com que em breve será dotada a Povoia de Varzim.

Sociedade Propaganda de Portugal

RECONHECENDO-SE que as instalações sanitarias dos hoteis de Evora deixam bastante a desejar: esta sociedade promoveu a obtenção de providencias no sentido de serem melhoradas:

— Foi resolvido fazer uma distribuição de *depliants* de praias e termas como o fez o ano passado.

— Foi nomeado representante da Sociedade em New-York, o sr. José Bensaude Junior que ali reside.

— Foi tambem deliberado solicitar-se do Governo as providencias necessarias para aplanar quanto possivel as difficuldades que se teem levantado na passagem das fronteiras aos que precisam utilizar-se das nossas praias e termas.

BANCO COMMERCIAL DE LISBOA

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Capital realiado 4.000.000\$

SÉDE: RUA DO COMMERCIO, 102

CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E ILHAS, E NAS PRINCIPAES PRAÇAS ESTRANGEIRAS, SOBRE AS QUAIS TOMA E FORNECE SAQUES, DÁ ORDENS TELEGRAFICAS E CARTAS DE CRÉDITO.

RECEBE DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO FIXO, ABRE CRÉDITOS EM CONTA CORRENTE E EFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS.

Telephones { DIRECÇÃO ... 159
CONTABILIDADE 3070

LISBOA (Portugal)